

# Como nos tornamos humanos?

Pilar Tetilla Manzano Borba



É conhecida por nós todos a história do menino lobo que ao ser criado longe do contato com seres humanos foi acolhido na floresta por uma loba e acabou se portando como um ser daquela espécie.

Muitos outros casos como esse ocorreram e vieram para afirmar que durante a infância imitamos o nosso meio e nos tornamos fiéis a ele. Embora nasçamos com todo o potencial para sermos Homem necessitamos conviver com modelos humanos para nos tornarmos humanos.

É nos três primeiros anos de vida da criança que ocorre a mais pura e perfeita imitação. A criança necessita portanto de uma pessoa a quem se vincule para que possa imitar e confiar.

No mundo atual, onde as mães, avós e tias saíram de casa para trabalhar, suas crianças vão cada vez mais cedo para berçários, maternais e jardins de infância.

A pergunta que fazemos é: existirão nessas ‘escolinhas’ adultos coerentes, confiáveis, responsáveis e (comprometidos com a educação) dignos para servirem como exemplos que possam ser imitados? Adultos comprometidos com o importante e verdadeiro significado da infância? Adultos que se vinculem profundamente à criança com respeito e dignidade?

“VINCULO: alimento e promotor de saúde integral – como desenvolvê-lo nas creches” (tema de minha monografia do curso de pós-graduação em Antroposofia na Saúde na Universidade de Sorocaba) é um assunto que há muito tempo observo, estudo, trabalho e ensino nas inúmeras creches que conheci, trabalhei e orientei desde que me formei em terapia ocupacional.

A pedagogia Waldorf fundamentada na antroposofia me deu suporte aumentando meus conhecimentos a respeito do ser humano e reafirmando o enorme cuidado que devemos ter na presença e no trabalho junto de crianças pequenas.

Como a criança é um ser que aprende através da imitação, ela necessita se vincular a alguém que esteja (permaneça) constantemente, especialmente nos seus três primeiros anos de vida. Uma pessoa constante que a possa acolher, alimentar, cuidar de seu sono, de sua higiene, que converse e brinque com ela com respeito, amor, carinho e, sobretudo que possua todas as qualidades positivas que um educador e ser humano precisa ter. Desta maneira há uma grande chance dela crescer com confiança, amor e esperança.

Nossa memória nos primeiros três anos de vida é principalmente emocional e comportamental. De como fomos cuidados e educados na primeira infância dependerá, em grande parte, nosso comportamento na vida adulta. Muitas condutas negativas vivenciadas na primeira infância poderão ser repetidas na adolescência e idade adulta, necessitando muitos anos de terapia para se conscientizar e mudar esse estado.

Hoje há registros de indivíduos que fazem o mal por pura repetição do que fizeram com eles na infância. Vários fatores colaboram para a nossa formação, entre eles a genética, o ambiente, a cultura e a individualidade de cada um mas, para olhos atentos, muitas das nossas atitudes demonstram a maneira como fomos criados e conduzidos sobretudo na infância.

É triste a realidade de que poucos profissionais da educação conheçam e valorizem o desenvolvimento motor, emocional e cognitivo nos três primeiros anos de vida. Tudo que captamos através dos olhos, da boca, do ouvido, do olfato e do tato é registrado nesse período em que a consciência ainda não despertou e onde não temos a possibilidade de filtrar o bom ou o ruim. Tanto os estímulos bons como os não tão bons ficarão para sempre registrados em nossa memória.

É lamentável que se invista tão pouco em educação infantil. A qualidade e a constância do pessoal que trabalha em berçários e creches também deve ser levada a sério, pois é na constância que se forma o vínculo, pré-requisito para o cultivo da confiança.

A criança pequenina, embora ainda não fale, espera chegar no berçário, creche ou jardim-de-infância e encontrar a mesma pessoa que a cuidou no dia anterior. Assim como ela espera encontrar a mesma caminha, o mesmo carrinho, a mesma bonequinha, etc. Sua memória afetiva e sensitiva lhe trará um grande bem estar se tudo estiver igual e tão bem cuidado como foi no dia anterior. Essa atitude de constância por parte dos educadores irá desenvolver o sentimento de confiança em relação ao outro, sentimento tão escasso nos dias de hoje.

Uma pesquisa feita pela ong Fight Crime: Invest in Kids (Combata o crime: Invista na Criança) conclui que **US\$ 1 gasto em atendimento de qualidade na infância economiza no futuro US\$ 7 em gastos no sistema policial e prisional.** “Investir num atendimento de qualidade para as crianças de zero a seis anos custa caro mas, a pergunta que deve ser feita é se a sociedade pretende gastar esse dinheiro antes ou depois. É o que disse Thomas B. Brazelton, professor de pediatria de Harvard, conhecido mundialmente e autor de 38 livros traduzidos em 18 idiomas, numa entrevista ao jornal Folha de São Paulo em 22/11/2004.

Já existe um movimento mundial através da ALIANÇA PELA INFÂNCIA, UNICEF, UNESCO e outros órgãos preocupados em quebrar a cadeia de violência que assola o mundo. Todos estão procurando maneiras de alertar o ser humano do valor da educação infantil principalmente nos três primeiros anos de vida.

A criança necessita de calor para sobreviver. O calor do ambiente já não existe mais. Nas creches e escolas de educação infantil todo chão é frio, os brinquedos de plástico, a grama sintética, o pátio cimentado; a televisão substitui as brincadeiras de corpo. Resta então aumentar o calor humano. E é desse calor que o ser humano está carente. Pelo número excessivo de crianças para uma só educadora fica impossível dar colinho e atenção individualizada. Esta já é uma forma de violência pois as crianças já desde muito cedo se sentem abandonadas.

A quantidade se sobrepõe à qualidade. A televisão é ligada para ‘distrair’ a criança que hipnotizada a olha sem ter nenhuma possibilidade de escolha. Isto também é violência.

A Pedagogia Waldorf, fundamentada na Antroposofia, através da auto-educação constante do educador, do estudo do desenvolvimento da criança e de suas necessidades, procura diminuir cada vez mais esse “educar em massa”. Ela propõe que se perceba individualmente cada ser. Que possamos enxergar o único e precioso ser que habita cada corpinho que nos é entregue a cada dia para cuidar e educar. Que tenhamos reverência diante de cada criança, mesmo porque ela é nosso maior mestre.

Rudolf Steiner (1861-1925), fundador da antroposofia, deixou-nos uma imensa contribuição para a compreensão das necessidades básicas do Homem. Nos fez crer que tudo que fazemos, pensamos e sentimos diante da criança está sendo impresso em sua alma e em seu corpo para toda sua vida; e, que todos esses registros positivos e negativos irão colaborar na sua forma adulta de ser e ainda mais, que sua saúde física, emocional e mental irá depender em grande escala da maneira como essa criança foi por nós acolhida, tratada, educada e amada principalmente nos seus três primeiros anos de vida.